

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

DIRECTOR — Manuel da Silva Campos

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.805

Sábado, 11 de Outubro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Combros, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officina de Impressão — Rua da Atalaya, 114 e 115

ler e dar a outrem a ler A BATALHA é fazer propaganda, é semear para colher.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal, é o dever de todo o confederado.

Organizemo-nos! A alta finança

Embora as correntes conservadoras não convenha encerrar de frente a verdade que brilha ante os olhos de todos, ninguém pode negar o valor e a força que representa a Confederação Geral do Trabalho na sociedade portuguesa. O operariado constitui hoje a maior corrente social organizada no nosso país. Os partidos políticos, todos reunidos parecem junto da C. G. T., pequenos agrupamentos sem acção nem iniciativa. Em extensão nenhuma deles consegue dobrar de Norte a Sul uma rede tam apertada de organismos, animados todos por um ideal comum de emancipação e de progresso.

Desta organização ampla e agnorrada emana uma corrente de opinião absolutamente popular, em harmonia com a natureza dos indivíduos que a compõem. Essa opinião, a mais honesta, é servida por um jornal diário que vive há seis anos sem interrupção, criando cada vez maior número de adeptos, dando à organização operária uma orientação revolucionária perfeitamente definida e captando força dessa organização simpática e apoios morais valiosos. Outro indicio que não houvesse, a existência de um jornal como A Batalha bastaria para nos apercebermos da força do operariado organizado e consciente dos seus direitos. Manter um jornal diário é tarefa tam dispendiosa e difícil para qualquer grupo de opinião que verifiquemos hoje que os partidos políticos portugueses, a despeito de serem constituídos por indivíduos endinheirados não conseguem a publicação metódica e constante duma gazeta e quando a sua publicação se faz não encontra da parte do povo aquele apoio de leitores, aquele arrimo de opinião pública que dá aos jornais a grande força moral que lhes permita semear com exito alguma ideia, defender com eficácia qualquer principio.

A Batalha, órgão da Confederação Geral do Trabalho, transmissor ao grande publico das suas ideias e das suas aspirações, é hoje o jornal mais acreditado do país, o mais popular e, portanto, o mais forte. E tal a sua autoridade moral que os seus proprios adversários lhe reconhecem, embora de má vontade.

Para essa tarefa não chegam os seus recursos actuais, embora já grandes e fortes. Urge que a Organização Operária tome mais vulto, complete os seus quadros, adquira mais consciência revolucionária, forme melhores militantes, mais competentes e mais agnorrados. E isso consegue-se redobrando de energia na propaganda, chamando a si todos os operários que por esse país, ignorando os seus direitos, andam dispersos e arredios dos seus organismos de classe, esclarecendo os trabalhadores intelectuais das aspirações e dos ideais que nos animam.

O desenvolvimento da Organização Operária está nas mãos dos seus actuais militantes. A eles compete um trabalho intenso de propaganda que agrupe e dê coesão a todo o povo trabalhador do país.

Entretanto, as nossas aspirações visam mais largo objectivo. E como esse objectivo é elevado, a grande força de que o operariado hoje dispõe ainda não é bastante para a sua realização. Se a C. G. T., fosse um simples partido politico, cuja ambição se cifrasse na conquista do poder e do parlamento, os seus recursos morais, a sua força material era mais do que suficiente para satisfazê-lo. Já teríamos metido no parlamento quantos deputados quizessemos, já teríamos colocado nas cadeiras do poder os ministros que entendessemos. Bastaria que a décima parte do proletariado organizado fosse às urnas para que a vitória fosse esmagadora.

Mas isso não modificaria o sistema social, fonte das anomalias que pretendemos derrubar. A máquina capitalista ficaria de pé e a vida não sofreria mudança sensível. O operariado já não se contenta com essas panaceias parlamentaristas. Ele vê que em Inglaterra, por exemplo, a subida dum governo trabalhista ao poder não modificou o sistema social inglês, que ficou o mesmo, com as mesmas injustiças, escravidões e iniquidades.

O operariado português bem sabe que é preciso ir mais longe, destruir os principios da propriedade privada, substituindo-os pela comunhão de todos os elementos de produção e consumo.

Para essa tarefa não chegam os seus recursos actuais, embora já grandes e fortes. Urge que a Organização Operária tome mais vulto, complete os seus quadros, adquira mais consciência revolucionária, forme melhores militantes, mais competentes e mais agnorrados. E isso consegue-se redobrando de energia na propaganda, chamando a si todos os operários que por esse país, ignorando os seus direitos, andam dispersos e arredios dos seus organismos de classe, esclarecendo os trabalhadores intelectuais das aspirações e dos ideais que nos animam.

O desenvolvimento da Organização Operária está nas mãos dos seus actuais militantes. A eles compete um trabalho intenso de propaganda que agrupe e dê coesão a todo o povo trabalhador do país.

As manobras do Banco Ultramarino A república nas mãos dos manos Ulrich — A curidês de todos eles...

Não, caros leitores, ainda não nos calamos. Só nos calaremos quando não houver mais revelações a estampar na letra redonda da imprensa, nem comentários acres a fazer à altitude torpe dos politicos ante os demandos da alta finança. Durante estes curtos dias o Rêgo Chaves respirou de alívio, julgando que a trovada se havia desfeito em fortes bátegas de água sem piores consequências, e esperava uma «aberta», e aguardava o tempo bonançoso a fim de embarcar para essa Angola mártir, para essa Angola vítima dos negreiros e dos déspotas. O Banco Ultramarino que vinha com surpresa todo o seu jôgo a descoberto, julgou também que, extenuado de tanto bater, haviamos tombado para a banda, exaustos, vítimas das grandes dificuldades económicas que, na sociedade em que vivemos, ele engendrou para rebentar de fome a gente honesta. Não, caros leitores, enquanto houver que dizer, enquanto houver que protestar, diremos e protestaremos.

Também bocas peçonhentas tentaram bolar sobre nós a baba da calúnia, afirmando que nós havíamos vendido ao Banco Ultramarino, como se nós fossemos algum Afonso Costa ou qualquer Rêgo Chaves. A calúnia é a velha arma dos impotentes que não possuem a virilidade, a coragem de vir a público, como nós, acurados com energia, assumindo a ampla e absoluta responsabilidade das acções produzidas. Já se insinuou que nos venderamos à Moagem, ao Soto Maior e agora ao Banco Ultramarino. Apesar do governador deste Banco, o sr. João Ulrich, saber com estranha e suspeita habilidade multiplicar os capitais fabulosos do seu estabelecimento, ainda teria o Ultramarino de estampar muita moeda falsa — no que é exímio — para obter a quantia necessária para comprar a nossa consciência!

E já que falamos no governador dessa próspera casa falada que é o Banco Ultramarino, lembremos que existe uma lei neste país, tam fértil em leis, que não permite ao sr. João Ulrich acumular funções bancárias em vários estabelecimentos desta natureza. O sr. João Ulrich é, como muita gente, um doutor e não pode ignorar as leis do seu país — seu país porque não roubou.

Mas se o sr. João Ulrich, illustre governador do Ultramarino — caixa maravilhosa onde, por um lado se mete um papel insignificante e pelo outro se retira uma nota de banco — ignora as leis do seu país, não elucidamo-lo. Existe um diploma official conhecido pela lei das «incompatibilidades», datado de 3 de Abril de 1896, que não nos consta que até a data tivesse sido revogado, e que, no seu art. 11.º, dispõe:

«Não pode fazer parte dos corpos gerentes dum banco o individuo: c) que fizer parte dos corpos gerentes de outro banco ou sociedade que exerça funções bancárias».

Pois bem, esse Ulrich que na sociedade portuguesa disfruta de liberdades que a plebe nunca conheceu, salta à vontade sobre as leis, sem que essa falta o faça descer aos olhos dos governantes. Pelo contrario, as suas arbitrariedades tornam-não tam querido que até o sr. Afonso Costa lhe cai nos braços, enternecido.

O sr. João Ulrich, governador do Banco Ultramarino, faz ao mesmo tempo parte do conselho fiscal desse famoso monopólio, que o sr. Afonso Costa tanto combateu no tempo da monarquia; a Companhia dos Tabacos, que exerce funções bancárias.

Isto não era segredo, consta publicamente de relatórios, anuários comerciais e financeiros. Só os governantes desconheciam este atropello à lei.

Ora, se um desgraçado transeunte que, sofre da bexiga, ao passar na rua dos Capelinhos num momento de aperto, se alivia junto da parede do Banco Ultramarino, calhe a polícia em cima, multa-o, prende-o, e até o sova por ter desrespeitado uma lei que não permite ao cidadão, o que se tolera aos cães — urinar na via pública. O sr. Ulrich, porém, num desprezo revoltante pelo povo, rouba-o, dentro e fora da lei, e ninguém lhe bate, ninguém o prende, ninguém o multa.

Dizia-nos há dias, em conversa, um politico em evidência, um homem que tem passado várias vezes pelas cadeiras do poder, que a república estava nas mãos dos dois monarquicos, que por sinal são irmãos: o Ulrich do Banco de Portugal e o Ulrich do Banco Ultramarino.

Esta afirmação, produzida por nós seria grave, feita por um politico republicano, é gravíssima. Ninguém a pode destruir. Os governos da república sabem que realmente, o regime está nas mãos da alta finança, chefiada por monarquicos categorizados. Dai a cumplicidade da imprensa, e quando não cumplicidade ou silêncio comprometedor.

Isto desceu até onde podia descer. O predomínio immoral desta gente sem escrúpulos, forma uma rede enorme de apertadas malhas que tolhe os movimentos a todas as iniciativas honestas. Está tudo corrompido, tudo pôde.

Os governantes sobem ao poder, não pelo triunfo desta ou daquela corrente politica, não para assinalar a vitória duma doutrina boa ou má, mas para servir apenas determinados interesses de grandes banqueiros, agricultores ou industriais.

Rêgo Chaves treou a ministro das

O DESPERTAR...

Uma manifestação hostil do povo, junto da Associação Comercial

Realizou-se ontem na Associação Commercial, uma reunião das «forças vivas» para tratar dos impostos ultimamente postos em prática.

A reunião, contra o que determina a lei, fez-se à porta fechada. Porém, os oradores, na sua exasperação contra os últimos impostos, argueram de tal modo a voz, que na rua Eugénio dos Santos, no ponto em que se encontra a associação, começou juntando-se muita gente.

A principio, todas as pessoas olhavam para as janelas a orientar-se da causa daquelle barulho que chegava até à rua. Porém, ao saberem do que se tratava romperam num grande protesto contra as «forças-vivas». Os oradores, na reunião, a principio, no meio do entusiasmo de que estavam possuídos, não deram pela manifestação hostil. Porém, ao aperceberem-se da realidade, do povo que lá fora os tratava de assassinos e ladrões, amorteceram singularmente o seu entusiasmo, perderam a serenidade e assistiram-se.

Entretanto, cá fora, na rua, a manifestação redobrava de importância, engrossando de minuto a minuto, o número das pessoas que protestavam contra os que lançavam o país trabalhador na maior das misérias e ne mais aviltante das explorações.

A policia pôs-se logo ao lado das «forças vivas» acudindo um chefe de esquadrão e aconselhando as manifestações a dispersar. Apesar dessa intervenção os protestos continuaram, chegando a haver troca de socos e bengaladas quando saíram da associação alguns dos comerciantes que na reunião tomaram parte.

Houve ainda uma tentativa, por parte da multidão, de assalto à Associação Commercial.

Como se vê o povo vai tornando mais directo e profícuo o seu protesto contra os que o tiranizam e roubam.

LAMENTAÇÕES

As Novidades lamentavam, em tom choroso, que na imprensa apareçam notícias de misérias sociais, de escândalos, de vergonhas, o que consideram uma propaganda de immoralidade. E isto não deve ser, comenta o jornalista, porque o jornal deve entrar em todos os lares.

Está bem. Mas repare o colega que muito pior ainda do que as notícias dos jornais é existirem esses factos, essas vergonhas, esses escândalos, que são um produto naturalissimo da defeituosa organização social actual.

Trabalhadores de Imprensa

Nomeiam delegados à U. S. O. e à Federação do Livro e do Jornal

Na assembleia geral da Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa, foram nomeados delegados à União dos Sindicatos Operários e Federação do Livro e do Jornal, respectivamente, os srs. João de Almeida e Mário Domingues, Nogueira de Brito e Belo Redondo.

Também foi resolvido autorizar a direcção a criar uma aula de jornalismo e outras que julgue convenientes, e encarregar o mesmo organismo de tratar com os Caminhos de Ferro do Estado e das companhias dos caminhos de ferro a obtenção de um «bonus», no preço dos bilhetes para jornalistas.

Foi lançado na acta um voto de pesar pela morte de um irmão do sr. Rodrigues Alves.

Anatole France

Um voto de esperança de Gabriele D'Annunzio

PARIS, 10. — Na residência de Anatole France em Bachelier foi recebido o seguinte telegrama de Gabrielle D'Annunzio:

«Desjaria dar o testemunho do meu amor e da minha esperança a Anatole France. Peço que me considerem com a coração sangrando como se estivesse à cabeceira do bem amado».

O reconhecimento dos sovietes pela França

PARIS, 10. — Tem prosseguido os seus trabalhos a comissão incumbida por Herriot de estudar o reatamento das relações com os sovietes. E' seu propósito aconselhar o governo a reconhecer, definitivamente, a república dos sovietes.

Tanto o governo como a comissão não pretendem impor aos sovietes condições económicas e financeiras, antes do reconhecimento, pois são de opinião que tal sómente se poderá fazer depois de existirem em Moscú e em Paris, ministros acreditados.

Sob Mussolini...

Tumultos entre fascistas e policia

ROMA, 10. — Em Molinello houve sérias colições entre a policia e os fascistas que se opuseram a que fosse levada a effecto a prisão do fascista Regazzi, que fazia propaganda para que se assassinassem operários contrários ao fascismo.

Jornalistas expiões da P. S. E.

Explica-se a origem e os propósitos de certos artigos terroristas publicados em alguns jornais para favorecer os maneios das «forças vivas»

Desde que o sr. Barbosa Viana voltou a ocupar o espinhoso cargo de director da P. S. E. que o desassossegado se instalou no espirito da população lisboeta. E' curioso notar este interessante pormenor — sabido como é que a existência daquelle policia obedeceu, segundo se diz, à necessidade de se tranquilizar o país.

Não há director da referida corporação que mantenha melhores relações com a imprensa do que o sr. Barbosa Viana. São tam intimas essas relações, anda tantas vezes o nome daquelle autoridade nas columnas dos jornais que pessoas que não conhecem o meio jornalístico deverão ter perguntado muitas vezes aos seus botões se o sr. Barbosa Viana é policia ou jornalista.

O sr. Barbosa, como ontem tivemos ocasião de verificar, é um homem de talento, duma imaginação poderosa, tam poderosa que se não tivesse sido incumbido de gerir os tenebrosos negócios da policia secreta teria sido convidado por uma empresa americana a escrever «argumentos» para films em rendosas séries de mistérios da Mão Fatal.

Na impossibilidade de escrever esses entrecos maravilhosos que a vocação lhe pede, faz films na Segurança do Estado, films que encontraram um exito excepcional entre os elementos das «forças vivas» que os aplaudem com a mesma energia com que pateiam o governo.

E, como pessoa de grande fardo, de invulgar facilidade de reclamação industrial, consegue que grande parte da imprensa lhe publique diariamente anúncios largos, com títulos sensacionais, às suas produções.

Onde foi encontrar o sr. Barbosa Viana tantas facilidades de reclamação nos jornais? A Associação dos Trabalhadores da Imprensa na sua assembleia de ontem levantou uma ponta do misterioso véu. Lá se revelou que o sr. Barbosa tem procurado colocar ao seu serviço, isto é ao serviço da policia alguns jornalistas. Alguns soberaram repelir com dignidade o asqueroso convite, outros ficaram. E revelamos aqui os no-

mes dos que ficaram para que o operariado esteja precavido contra a sua acção nefasta: José Maria Alcoforado, redactor de A Tarde e Flaminio de Azevedo, redactor de A Epoca.

Ora, sabido que as «forças vivas», alarmadas com a baixa da libra, estão empenhando todas as suas energias no sentido de lançarem o país na perturbação ostentável e na desordem, a fim de provocarem a intervenção violenta das autoridades contra o operariado, sempre injustamente acusado de desordeiro, verifica-se que o sr. Barbosa Viana com os alarmos e com as fantásticas revelações acerca de estranhas associações secretas, Vinditas Sociais ou Legiões de várias cores, está fazendo um admirável frete às chamadas forças económicas.

O objectivo jesuitico do sr. Barbosa, não pode ser mais claro, mais fácil de compreender. Como o povo acredita facilmente nas patranhas que os jornais burgueses lhe impingem, vá de entretanto com essas mal alinhavadas histórias de malfeteiros, que espremidas não deitam sumo, enquanto a grande e autentica quadrilha, as forças vivas, perfeitamente desmoralizadas com a tendência da baixa do preço dos géneros que se accentua, vai manobrando, vai agindo no sentido de forçar o governo a aumentar a circulação fiduciária, maneira directa de sobrecarregar o povo com impostos brutais que essas forças vivas cobram nos lucros fabulosos que arrancam da pele do povo.

Porque motivos não intervém o sr. Barbosa Viana nas reuniões secretas das forças vivas, que chegam a expulsar a policia das suas reuniões? Não serão esses malfeteiros muito mais perigosos à sociedade, muito mais nocivos à colectividade do que os operários que a imprensa capitalista acusa de bandidos?

Mas o sr. Barbosa Viana, enquanto os saltadores combinam secretamente a maneira mais prática de roubar o povo, entretêm-se a descobrir que os bombistas ocultam as bombas nos sovacos e outras cousas maravilhosas que hão de levá-lo à celebridade.

Um artigo de O MUNDO

Há pouco o nosso colega O Mundo transcrevia parte dum artigo da Batalha sobre a comemoração do 5 de Outubro, para fazer ressaltar a nossa afirmação de que, apesar de todos os defeitos da República o operariado a preferia à monarquia e estaria sempre disposto a defender-se com as armas na mão duma tentativa de restauração monárquica. Esse artigo foi pelo Mundo comentado e no dia seguinte Mayer Garçon dava-lhe todo o relevo.

Pois também nos apraz a nós hoje fazer uma transcrição do Mundo sobre o assunto que neste momento prende as nossas atenções. O artigo intitula-se «A baixa dos preços» e nele se diz o seguinte:

«Começa o assunto a preocupar os comerciantes e industriais, que o estão encarando, a nosso ver, sob um ponto de vista falso, pelo que lhes poderão advir graves prejuizos que um pouco-chinho de bom-senso facilmente poderia evitar. Assim, com a ideia de que a baixa do estéril vai determinar a baixa de preços, comerciantes e industriais mostram-se alarmados com o facto e consideram-se perdidos com os incalculáveis prejuizos que se afiguram vir ter se, a tempo, não descarregarem contra terceiros esses prejuizos. E a sua primeira ideia, a mais simplista, é reduzir os salários, para o que intentam paralisar ou diminuir a produção».

Trata-se, pois, a tornar-se em realidade uma tal ameaça, de um verdadeiro perigo. Reduzir a produção numa ocasião destas seria um verdadeiro crime pelas desastrosas consequências económicas que isso traria. Assim como os contra os extremistas das classes operárias, as quais pecam às vezes pelo exagero das suas reclamações e pela violência com que as procuram impor,

também somos contra os extremismos do patronato e este é um dilema. A paralisação do trabalho ou a sua diminuição, provocando o desemprego para trazer como consequência a baixa do salário, deve ser impedido a todo o risco, devendo para o caso o Estado tomar todas as providências necessárias a fim de assegurar a laboração dos estabelecimentos fabris.

A verdade é esta: a baixa do câmbio, se vem trazer ao nosso mercado o embaraço das mercadorias, também traz à laboração fabril o brateamento de matérias primas, combustíveis e outras, pelo que os industriais podem bater os seus produtos. E tanto os industriais em relação às mercadorias já fabricadas, como os comerciantes em relação aos géneros que têm em depósito, supondo terem um prejuizo por venderem agora por menos escudos do que contavam, não o têm realmente, visto que os escudos que recebem valem mais. Reduzindo o seu valor a ouro vê-se que a sua importância é sensivelmente a mesma e, com ela, podem os comerciantes renovar os seus fornecimentos com lucro e os industriais abastecerem-se do indispensável para proseguirem nas suas industrias. Só os especuladores, os comerciantes que acumularam mercadorias além do limite das suas habituais transacções, e os industriais que preferiram armazenar a vender, e isto com o propósito deliberado de elevar os preços, é que vão ter um prejuizo real, por não terem tempo de vender e acompanhar a subida do câmbio. Mas esse prejuizo é a consequência da sua ganância, da sua imprevidência e da sua ineptidão e não pode servir de pretexto para se produzir o chantage forçado, lançando tanta gente na miséria.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

O operariado, ante a ameaça d'as chamadas forças vivas começou já a reagir. A sessão que a União dos Sindicatos de Lisboa realizou é, sob este ponto de vista, bastante significativa. O operariado de Lisboa não tem medo de lutar para evitar o perigo de uma tal ameaça.

FALTA DE AGUA

A U. S. O. de Lisboa apressa-se a occupar-se do assunto em defesa do publico

Há três dias que em alguns pontos da cidade se tem feito sentir a falta de agua. Vem agora a Companhia, em comunicado pgo nos jornais, a pretender justificar essa falta «pela queda súbita do caudal do Aveia» — que, excepção e felizmente, neste ano foi tardia — e pelo acréscimo extraordinário do consumo, derivado não só da actual elevação de temperatura, mas também principalmente por se não terem tomado, por parte do governo, as providências restritivas anteriormente adoptadas.

E conclui a Companhia com a ameaça de que a rápida descida dos seus depósitos pode determinar uma próxima falta de agua a que não será fácil dar prompto remedio.

Como se vê, repete-se mais uma vez a mesma historia de sempre, o mesmo jôgo de empurra das responsabilidades. Atendendo à gravidade da questão e à importância que ela terá para o publico, a comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, no cumprimento do seu dever de defender os interesses dos consumidores da capital, redêe hoje às 17 horas para tratar do assunto, convidando-se o camarada Rozendo José Viana a comparecer na sede daquelle organismo às 12 horas.

MORAL MONARQUICA

O Dia comentava com palavras azedas a attitude do governo que — segundo aquele órgão monárquico — entrou no caminho das violências contra as forças vivas. E toda aquella indignação provinha do facto de terem sido presos e logo a seguir soltos os honrados comerciantes Valentim Martins e Armando Macedo. Porque estes illustres personagens passaram algumas doces horas nos quartes particulares do Governo Civil. O Dia mal agioirou o presente ministério, não se lembrando, porém, de que muitos operários honestos são todos os dias vítimas das mais torpes arbitrariedades.

Para o Dia só há razão de protestos quando, por engano, algum ladrão categorizado vai parar à cadeia...

Para o Dia só há razão de protestos quando, por engano, algum ladrão categorizado vai parar à cadeia...

Para o Dia só há razão de protestos quando, por engano, algum ladrão categorizado vai parar à cadeia...

Para o Dia só há razão de protestos quando, por engano, algum ladrão categorizado vai parar à cadeia...

NO PORTO

MANOBRAS DE INDUSTRIAIS

UM ANTIGO SOCIALISTA FAZENDO O JOGO DA «PATRONAL»

PORTO, 8.—Nesta cidade existe, como é do conhecimento do operário e demais outro público, o Sindicato Único dos Operários Metalúrgicos.

Neste mesmo sindicato há, como está logicamente indicado, a secção dos operários electricistas. Todo o operário consciente desta especialidade deve, pois, lá estar filiado, dando-lhe todos os seus conhecimentos, todo o seu entusiasmo, todo o seu esforço, para que a emancipação, não só da sua classe, mas a de todas as metalúrgicas, possa ser um facto num futuro próximo.

Como, porém, em todas as partes aparecem sempre ovelhas ranhosas, surge-nos agora um Félix Pimenta a espalhar a confusão. Ele, que, ao que parece, nunca pôde levar a bem a fusão de todos os sindicatos metalúrgicos num único, embora as classes respectivas ficassem com as suas secções, pretende constituir uma Associação de Electricistas, depois de conhecer que já existe uma organização dos operários electricistas.

Advinha-se, em tudo isto, a acção de um dedo oculto de «gigante». Esse gigante é a Patronal. E o Félix, antigo socialista em boas relações com os industriais, presta-se a fazer o jogo do patronato: é o misterioso cordão de ouro que actualmente puxam os industriais electricistas.

No recente congresso patronal da electricidade ficou resolvido fundar-se uma Associação de Profissionais Electricistas.

Esta colectividade, pois, ficará sendo um organismo de patrões. Félix Pimenta, portanto, agindo de acordo com o congresso patronal da electricidade, que deu motivo a grandes negócios, procura arrebatar operários electricistas para uma «congregação» de patrões, procura dividir a classe para que uma parte dela se torne assim uma coisa parecida com fascista dentro duma colectividade «crumira» destinada a combater, possivelmente, todos aqueles que tenham os olhos fitos num horizonte social mais amplo e mais luminoso.

Procura, enfim, guerrar o Sindicato Único Metalúrgico, esforçando-se, já por lhe diminuir os efectivos, na impossibilidade de o pôr agora em escalelo.

Estamos, no entanto, convictos que, apesar das raras excepções, a classe dos operários electricistas não dará ouvidos ao patronal recado do Félix: aquilo são óculos de judeus, picadas de ribeira, jesuítico punhal da traição... a brandir-se na sombra da ingenuidade dos incautos.

Embora os electricistas filiados no Sindicato Único Metalúrgico estejam vigilantes com os passos traçadores do «ferido» moço de freies patronal, não se deixem enganar. Trate-se duma manobra de industriais.

Como se ludibria o consumidor

PORTO, 9.—Estamos em maré-viva de «moralidades». Pelo menos as forças do «olho vivo» em revolta assim o proclamam.

E para que uma tal onda de sanidade mercantil siga as suas evoluções altaneiras, elas, as piratas de sempre, suspiram por um governo de competência

casas saído duma fornada confederacional.

Não temos agora uma especialidade dessa gente traficante que resolveu por em prática uma medida pela qual se demonstra a seriedade com que o industrial pensa, de futuro, tratar o comprador.

Essa especialidade, que também não se tem descuidado no «entender» das suas unhas rúptas, pertence à de chapelaria.

O Sindicato Único da Classe Têxtil desta cidade bem tem erguido os seus protestos contra o chapelinheiro lógico. Mas os industriais de chapelaria, que não querem ficar atrás na ganhaça, e que estão completamente surdos...

A coisa, muito simples e eminentemente honesta, resume-se neste: até há pouco aplicava-se nos chapéus de qualquer droga a finta de seda, finta de seda mais fina, mais brilho, mais perfeição—embelleza, portanto, mais «penante».

Além do cliente ficar melhor servido, contribui-se para que os operários têxteis da especialidade da finta de seda tivessem mais trabalho.

Os industriais de chapelaria, porém, que pouco querem saber da indústria nacional, e de patriotismo só têm a ambição do dinheiro do freguês lhes cair na gaveta—deliberaram, na sua grande maioria, substituir a finta de seda pela algodão. É importante a do estrangeiro, para assim a roubalheira lhe dar um «toque de modernismo».

Destarte, fica o consumidor perfeitamente ludibriado:

1.º—Porque paga o chapéu com finta de algodão como tendo finta de seda;

2.º—Porque a finta estrangeira nos chapéus, não tendo um único fio de seda, não pode—repetimos—embellezar o chapéu, por falta de brilho, de perfeição e fino tinto que as sedas requerem;

3.º—Porque a finta de algodão, apanhando sol, passados poucos dias perca a cor; e, apanhando chuva, põe-se numa completa máscara;

4.º—Porque, sendo assim, tem de mandar modificar a finta três ou quatro vezes, se quiser romper «le chapéu», a o que dantes não acontecia.

Introduzindo duplamente na qualidade do feltro e da finta, os industriais de chapelaria, como os seus colegas de outras indústrias, tiram fabulosos lucros. Mas não há que reparar—é a rotina das coisas do «olho vivo» e os novos processos que elas tentam empregar quando mais directamente forem governados—e nós tivemos a infelicidade de desastrosos de os agüitar.

Contudo, convém frisar que, tanto em Lisboa como no Porto—segundo uma nota oficial do Sindicato Único da Classe Têxtil—há um reduzido número de chapelarias que, reconhecendo os inconvenientes da finta de algodão e não querendo enganar o público que serve, não seguem o mau caminho da maioria das suas congêneres.

O referido sindicato, vendo que o exposto contribui para a ruína da sua indústria e desfralda o consumidor—apela para todo o público, a fim de não se deixar ludibriar e exigir a finta de seda a que tem incontestável direito.

Parece-nos, porém, que o público não se preocupa com «ninharias».

C. V. S.

TEATRO APOLO

HOJE

OS MINEIROS

Grande sucesso

Suspensas as entradas de favor

AS GREVES

Capitães dos vapores de pesca

NOTA OFICIOSA

Camaradas: O nosso trabalho tem sido tam bem encaminhado que estamos quasi a anunciar-vos a vitória, há já tanto tempo desejada. Segundo as ordens que as comissões de «demarches» vão ter, estamos convictos que o nosso movimento está quasi a terminar com as nossas reclamações satisfeitas. O caminho que traçamos continua a ser o mesmo e estamos crentes de que esse caminho será o anúncio da nossa vitória. Aguardai as ordens do vosso «comité» e que continue o nosso grito a ser o mesmo:

Viva a greve Viva a Federação Marítima Viva A Batalha!—O comité.

Maquinistas de longo curso e fluviais

NOTA OFICIOSA

Os comités reunidos, dos Maquinistas de Longo Curso e Maquinistas Fluviais, resolveram declarar a greve, a partir de hoje, nos vapores de pesca.

Todos os maquinistas devem abandonar os seus lugares em sinal de protesto pela atitude assumida pelos armadores.—Os comités.

Polidores de mármore

da oficina da viuva de António José Moreira

Com a firmeza dos dias anteriores mantêm-se o movimento destes operários que, embora o industrial declare considerá-los despedidos, prosseguirão na luta até serem atendidas as suas reclamações.

A secção Profissional dos Cantoneiros e Polidores de Mármore foi informada de que um tal Vicente, cantoneiro, se tem prestado a traíção aos grevistas, criando assim uma situação que lhe trará, por parte dos operários dignos, o profundo desprezo e nojo que merecem as criaturas abjectas.

A secção Profissional continua lembrando o dever de polidor algum se prestar a trabalhar na referida oficina sem estar solidariado o movimento.

Rectificação

Foi o Grupo Recreativo e Dramático da Mocidade de Aldoar (Porto), e não o S. U. da Construção Civil de Matosinhos, como erradamente publicamos, quem promoveu a rectificação, precedida duma conferência sobre solidariedade por Serafim Cardoso Lucena, se realizou em 21 de Setembro p. p., no teatro Casino do Monte, à Senhora da Hora, e cujo produto se destina aos presos por questões sociais.

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

Pró-Manoel Ramos

A comissão de Lisboa recebeu da Associação de Classe dos Tanoeiros, 15300; Federação Nacional de Tanoeria e Anexos, 15300; Associação de Classe dos Trabalhadores Subal, companhia do cerco Praia da Rocha, 10300; Companhia do cerco Tristão, 25300; Companhia do cerco Era Nova, 20300; José Baptista Gonçalves, 5300; Associação dos Manufactores de Calçado, 18300; Eduardo de Oliveira, 6300.

A comissão tem conhecimento que a companhia de Manoel Ramos recebeu as seguintes quantias: Condutores de Carroças, 50300; Fragateiros, 150300; quete entre corticeiros de Portalegre, 23300; Inscrições Marítimas, 20300; Quete de Barcarena, 21300; José Augusto de Castro, 5300; A. J. P., 1800; A. R., 1900; Joaquim Baptista Gonçalves, 5300.

Esta comissão pede mais uma vez a todos os organismos a quem enviarem circulares que abreviem a resposta, em virtude do julgamento estar muito breve. Toda a correspondência deve ser enviada para Felix António Fernandes, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Cruz Vermelha

Transportes de doentes e sinistrados ontem efectuados

Os automóveis da Cruz Vermelha conduziram ontem aos hospitais civis os seguintes indivíduos:

João Gomes, tuberculose ossea, da Avenida Fontes à Estação do Rocio; Joaquim Matos, doença súbita, do Campo Grande ao Hospital de St.ª Marta; Lucinda de Jesus, bexigas, do L. Chão da Feira ao Hospital do Rego; Augusto António Martins, congestão, de Alcântara ao Hospital de S. José; Tina Desrieux, doença grave, da estação do Rocio ao Hospital de S. José; Isaura dos Santos, fratura da perna direita, do Posto do Terreiro do Paço a S. J. se; Inês da Conceição Teixeira, doença grave, da rua Cidade Manchester ao Hospital de S. José; Francisca Serra, doença grave, da travessa da Caldeira ao Hospital de S.ª Marta; Maria Máximo, ferida no pé esquerdo, da rua 24 de Julho a S. José; João Vieira, contorção na mão direita, da rua da Esperança a S. José; Jacinto dos Santos, doença grave, da Penha de França a S. José; Laura Duarte, ataque, da rua da Caldeira a S. José; José Monteiro, doença grave, da rua Castelo Branco Saraiya a S. José; João Rodrigues, congestão, do Cais da Areia à travessa do Convento a Jesus; António das Neves, ferido numa perna, do posto de deslocação ao posto da Mutualidade.

ATÉ UM BURRO

entra na mágica

O BOLO-REI

em scena

no

EDEN TEATRO

A Cédula Pessoal

foi adiada por mais 30 dias

Informam da Arcade:

A execução do diploma relativo à Cédula Pessoal foi novamente prorrogada por 30 dias, segundo um decreto que ontem à tarde foi submetido à assinatura presidencial.

Na competente repartição tem dado entrada reclamações contra a disparidade de taxas que nas conservatórias do registo civil vem sendo exigidas pela passagem da cédula.

Em Terragem exigem-na a pesar de suspensão a lei que a criou.

A pesar de estar suspensa a aplicação da lei que criou a cédula pessoal e de o ministro da Justiça haver declarado, no mês pretérito, a uma comissão de Secretariado da Assistência Jurídica, que havia dado instruções ao conservador geral do registo civil para não se exibir aos nublados aquele documento enquanto não expirasse o prazo da suspensão, em Terragem o ajudante do registo civil não cumpriu as determinações ministeriais sobre o assunto.

Como lhe tivessem apresentado os avisos que a tal respeito publicou A Batalha resolveu officiar para Évora, ao conservador, a fim de ser esclarecido.

Pois a resposta foi ordem severa para que registo algum se fizesse sem a apresentação da cédula, o que tem sido cumprido pelo referido ajudante!

Propaganda sindical

Em Vendas Novas

Promovida pela organização operária de Vendas Novas, realizou-se amanhã nesta villa uma sessão de propaganda sindical, devendo fazer uso da palavra D. Virgínia da Conceição Silva e Mário Domingues.

Na enfermaria do Limoeiro

está agonizando um tuberculoso

cuja sentença terminou em 9 de Agosto!

Então com a morte encontra-se na enfermaria da cadeia do Limoeiro um pobre tuberculoso chamado José do Espírito Santo, ex-soldado n.º 625 da 3.ª companhia do regimento de infantaria 11, e que lá há bastante tempo devia ter sido posto em liberdade visto ter terminado a sentença em que foi condenado ao Tribunal Militar Territorial de Lisboa.

Foi julgado em 9 de Fevereiro de 1920 e condenado a pena de 3 anos de prisão maior celular ou na alternativa de 4 anos e meio de degredo, mas em virtude da sua doença não seguiu para o degredo, tendo terminado a sentença em 9 de Agosto do ano corrente e ainda não foi posto em liberdade por não ter sido enviada para o Limoeiro a respectiva ordem de soltura!

Os factos aí ficam, competindo ao ministro da guerra providenciar por forma que imediatamente se ponha cõbno a tam manifesto desprêzo pela vida humana.

Vão estabelecer-se carreiras aéreas entre Portugal e Espanha?

A direcção da Aeronautica Naval, apresentou uma proposta detalhada sobre o estabelecimento por aquela direcção de carreiras aéreas de carácter comercial entre Portugal e Espanha, para transporte de passageiros, bagagens e correio, utilizando-se para esse fim o material da aviação marítima que está nas devidas condições visto os aparelhos poderem poisar tanto em terra como no mar.

O sr. ministro da Marinha segundo nos consta depois de ter estudado com todo o cuidado a proposta, concordou com ela.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Lisboa.—Em conformidade com o resolvido na última assembleia geral, termina hoje o prazo para liquidação de todos os atrasos de cotas.

Per isso é dever de todos os jovens em esclarecer a sua situação à sede, pois caso contrário serão irradiados.

As secções.—Pede-se que enviem hoje ao Núcleo um delegado com a cobrança de cotas para se descarregar no respectivo livro de descargas.

Secção Mista Beato e Oliveira.—Para assuntos da mais alta importância, convide-se a reunir hoje, às 21 horas, a comissão executiva, devendo comparecer nesta reunião os camaradas que fazem cobrança e o secretário geral da comissão de propaganda. Os camaradas que pagam na sede podem hoje satisfazer os seus débitos de atraso de cotas, na sede.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas Jurídicas

Hoje, 11, pelas 21,30 horas, o dr. Campos Lima, dá consultas jurídicas, na sede da União dos Sindicatos Operários do Porto, a todos os operários que necessitem, devendo os interessados apresentar as suas cadernetas confidenciais em dia.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Reúne em 9 do corrente o Conselho Federal, tendo sido apreciados:

Um officio do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, sendo resolvido dar-lhe poderes para proceder à organização das camaradas da indústria naquelle cidade de forma que achar mais conveniente.

Officio relatando a marcha do movimento grevista na villa de Oporto tendo-se resolvido publicar sobre o assunto uma nota dirigida a toda a organização da indústria.

Um officio da Montelavar, sendo resolvido levar à prática naquelle localidade sessões de propaganda tendentes a fazer o levantamento do sindical local.

Um officio do Sindicato da C. Civil da Marinha Grande comunicando a sua adesão à Federação.

Um officio do Sindicato de Viana do Castelo comunicando existir naquelle cidade uma grande crise de trabalho por motivo de se encontrarem encerradas diversas obras do Estado e da Câmara Municipal, as quais são de reconhecida utilidade pública, sendo resolvido enviar sobre o assunto os ministros do Comércio e Trabalho.

Foi resolvido que a missão de propaganda ao Alentejo iniciada os seus trabalhos no próximo dia 2 de Novembro e foram nomeados dois delegados para uma sessão de propaganda a realizar no próximo domingo em Zambujal, tendente a organizar os nossos camaradas da indústria naquelle localidade.

Apreciado um officio do Sindicato do Porto, resolvendo-se que em A Batalha se publique uma nota officiosa a fim de colocar de sobreaviso todas as organizações operárias, contra os manobras duma associação que ali existe e que se intitula «dos Pedreiros Portuguezes» visto que, a semelhança dos Sindicatos Livres de Barcelona, está movendo uma guerra de traição à organização da nossa indústria naquelle cidade.

Sobre a organização dos Engenheiros—Arquitetos da construção civil do Porto, o Conselho Federal manifestou-se de acordo com o opinião do sindicato.

Foi nomeada uma comissão de três delegados para rever as contas do 1.º trimestre da actual gerência. Sendo por último resolvido convocar uma reunião do Conselho Federal para a próxima terça-feira, pelas 21 horas, para se occupar especialmente da discussão do regulamento geral dos sindicatos e suas secções.

CONVOCAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—Secção profissional de estuadores.—Reúne na próxima terça-feira, 14, para tratar da crise de trabalho.

Secção profissional de pedreiros.—Para tratar-se da sua colocação, são convidados os pedreiros inscritos na secção como não tendo trabalho a comparecerem na sede, pelas 17 horas de hoje, sem falta.

Confeiteiros e pasteleiros.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas, para tratar um assunto de grande importância que se prende com os operários chocolateiros e outro expediente.

A's 21 horas devem comparecer os camaradas chocolateiros que fazem parte da comissão organizadora da sua associação.

L'ga dos Officiaes da Marinha Mercante.—Reúne a assembleia geral extraordinária no dia 13 do corrente, pelas 15 horas, para tratar da eleição do tesoureiro, questão do sócio Agnaldo Monteiro dos Santos e Congresso Marítima.

Condutores de carroças.—Reunem amanhã, em assembleia magna, os condutores de carroças da área de Alcântara, na sede do Centro Escolar Socialista, na rua do Alívio. Pede-se a comparencia de todos os sócios e não sócios.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Almadaense.—D. visita à sua congénere «Alanos de Harmonia» executará, sob a regência do sr. professor Leonel D. Ferreira, o seguinte programa: 1.ª parte: «Contendações», marcha, Leonel Ferreira; «Raymond», «ouverture», A. Tomás; «Carnaval de Veneza», solo de clarinete, 2.ª parte: «El assombro de Damasco», zarzuela, P. Luna; «Serra do Pilar», raposada, S. Moraes; «Vouge», marcha, J. Marques.

Para commodidade dos sócios que acompanharam a sociedade, está alugado o vapor «Rio Sado», que sairá de Cacilhas às 15 e meia horas e de Alcantara às 19 e meia horas.

Grémio Recreativo Lusitano.—Realiza-se hoje, pelas 21,30, recita seguida de baile.

Lusitano Club.—Realiza-se hoje, pelas 21,30 a inauguração da época de inverno com um escolhido programa musical, de canto e variedades, havendo depois baile.

Odeon club.—Realiza-se hoje, pelas 21,30, uma recita constante duma comédia e um acto de variedades, findo o qual se resbre um baile.

Um convulso do S. U. Metalúrgico

Constante à Comissão Administrativa que um tal João Baptista, da officina de ferraria da Parceria dos Vapores Lisboenses, constantemente anda desadequidando a organização metalúrgica e os seus militantes, indo ao ponto de fazer graves acusações, é convidado esse indivíduo a comparecer hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato, a fim de dar explicações sobre as calúnias levantadas e provar as acusações que vem fazendo.

DESPORTOS

CICLISMO

Realiza-se, no dia 19 do corrente uma corrida de 20 quilómetros para principiantes de 3.ª classe, promovida pelo 8 de Setembro Foot-ball Club.

FUTEBOL

Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral do C. P. Foot-ball Club para aprovação dos estatutos.

QUINTA-FEIRA 23 OUTUBRO

«Reprise» da tragédia histórica em 12 quadros, original do falecido dramaturgo MARCELINO MESQUITA

O REGENTE

Montagem completamente nova—Na bilheteira deste teatro está aberta a folha para 8 RECITAS DE ASSINATURA com as 1.ªs representações de 4 originais portugueses e 4 «reprises».

Os srs. assinantes da época passada têm direito aos seus lugares até ao dia 15 de Outubro começando desde dia em diante a assinatura livre.

Inauguração

— DA —

Época 1924-1925

A VOZ DA CADEIA POR ESSE MUNDO FORO

E' hoje sábado, trabalhadores!

Não vos esqueçais do dever de auxiliardes materialmente os presos por questões sociais

Com profunda mágoa constatamos os presos sociais o abandono a que foram votados pela massa trabalhadora que, esquecendo em absoluto que eles se encontram encarcerados por altivamente terem combatido em defesa do proletariado, não contribui como deve para a miséria que entre eles lavra seja um pouco atenuada.

A pesar dos seus repetidos apêlos nem um tostão sequer receberam esta semana os presos sociais além do parco auxílio que lhes é prestado pela C. G. U. e que, a pesar de pouco, ainda é dividido por 4 presos não sindicados.

Terrível situação a dos presos sociais! Perseguidos pelos governantes e abandonados pelos trabalhadores!

Quasi todos na flor da idade, trocam os divertimentos pelo sacrificio, a liberdade pela prisão, porque, ao contrário da maioria dos trabalhadores, compreendem quanto de infame tem a sociedade exploradora em que vegetam.

Nada disto os trabalhadores devem esquecer para que o seu entusiasmo não esmoreça e eles tenham, ao menos a suprema satisfação de se sabermos moralmente acompanhados pelo povo trabalhador.

Para que tal suceda é necessário que hoje em todas as fábricas, officinas, obras e nos campos, os trabalhadores abrem quetes a seu favor.

Com prazer registamos a iniciativa da Associação dos Tanoeiros de Lisboa de promover, com o concurso dos restantes sindicatos da localidade, uma festa em benefício dos presos sociais.

E' um exemplo que deve ser seguido noutras localidades para que aqueles camaradas seja prestada a solidariedade que tanto merecem e de que tanto necessitam.

Toda a correspondência e os auxílios devem ser enviados a Manuel Viegas Caracalção, Grupo B, Limoeiro—Lisboa.

Dr. Pedro Vallina

Doenças do tórax e pulmões

CLÍNICA GERAL

Consultas: Quintas-feiras e sábados, das 21 às 23 horas, na Travessa da Agua de Flor, 16, 1.º

Chamadas: rua Gomes Freire, 142-B, 2.º

Federação N. da Construção Civil

PREVENÇÃO

Encontrando-se em greve para melhoria de situação económica os operários da construção civil da Vila de Oporto, e tendo constado a esta Federação que os mestres de obras daquelle localidade pretendem contratar operários noutros pontos do país para ali irem trabalhar, previnem se todos os sindicatos, especialmente os da região algarvia, a fim de que procurem evitar que tal facto se dê, porquanto o contrário representaria uma traição ao justo movimento daqueles camaradas.

A carta que, em 5 do corrente, publicamos sobre um militar que enlouquecera no presidio da Trafaria, enlouqueceu nos estâncias superiores, que, conforme os deveres de humanidade impunham, internaram o desventurado num hospital, logo nos comunicaram o pedido referido, com agradecimentos que não aceitamos por termos cumprido o agens um dever que incumbia a todos os jornalistas de consciência sã.

Reclamação atendida

A carta que, em 5 do corrente, publicamos sobre um militar que enlouquecera no presidio da Trafaria, enlouqueceu nos estâncias superiores, que, conforme os deveres de humanidade impunham, internaram o desventurado num hospital, logo nos comunicaram o pedido referido, com agradecimentos que não aceitamos por termos cumprido o agens um dever que incumbia a todos os jornalistas de consciência sã.

As perseguições

O Sindicato dos Operários Alfaiates congratula-se pela libertação do camarada Joaquim Pinto da Cunha, outro tanto não podendo fazer quanto ao camarada Carlos Pinto Gonçalves, visto ainda se encontrar preso, no calabouço n.º 7 do governo civil, onde os componentes da classe o poderão visitar.

O pão

A nova portaria que alterava o preço do pão e que ontem devia ter entrado em vigor foi suspensa a sua execução até ao fim do corrente mês.

Segundo os novos preços, o pão de 1.ª qualidade baixava 15 centavos e o de 2.ª qualidade baixava 10 centavos para o de 2.ª.

O leite

A direcção da Associação de Classe dos Vendedores de Leite de Lisboa, procura obter o sr. Comissário dos Abastecimentos, para se queixar do exagerado preço que exigem os produtores de leite dos arredores, declarando que no mês passado havia sido apresentada uma plataforma para que o leite passasse a ser pago a 1800 o litro, isto é, mais 20 centavos do que o preço que estava vigorando.

A referida plataforma não foi aceite pelos produtores que exigem 2500 por litro.

O Comissário dos Abastecimentos aconselhou a direcção da referida colectividade para que os vendedores não dêem o aumento que lhes é exigido, isto enquanto não são tomadas providências para obter a especulação que se pretende fazer com um género de tão grande necessidade.

Situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado tem conhecimento de que foi levantada enfim a incomunicabilidade a Arsénio José Filipe e Alberto Silva e que se encontram nos infectos calabouços do governo civil.

Também tem conhecimento da forma verdadeiramente desumana como foi preso ontem de manhã, em sua casa, o operário barbeiro António de Oliveira, em que uma brigada de agentes e grande quantidade de policias armados fizeram bastantes tiros a fim de o intimidarem e trazê-lo num camião incomunicável para sitio desconhecido.

Continuam ainda espalhados por várias esquadras e comunicáveis diversos operários

